

Imigração alemã na AL nos séculos 19 e 20: Argentina, Brasil e Chile

ARTHUR BLASIO RAMBO*

Resumo: Durante o século XIX e no decorrer das primeiras décadas do século XX, foram implantados projetos e colonização alemã no Brasil, no Chile e na Argentina. Assumiram semelhanças muito grandes nos três países, tanto nos objetivos quanto no modelo da estrutura fundiária como na organização das comunidades rurais.

Abstract: During the 19th century and in the first decades of the 20th, German colonization projects were established in Brazil, Chile, and Argentina. They shared many common features in their objectives, in their agrarian structure as well as in the organization of their rural communities.

Palavras-chave: Imigração alemã na América Latina. Colonização alemã na América Latina. Identidade étnica na América Latina

Key words: German immigration in Latin America. German colonization in Latin America. Ethnical identity in Latin America.

Introdução

A imigração alemã para a América Latina propriamente dita tem o seu início depois da independência dos países do continente. Os governos das repúblicas recém emancipadas do Chile e da Argentina e o Império do Brasil tiveram uma preocupação comum. Nos três países havia extensas regiões praticamente desocupadas, dotadas de solos, relevo e clima propícios para desenvolver projetos de colonização e assim atender às necessidades de abastecimento interno com gêneros alimentícios e diversas matérias-primas. As áreas em questão costumavam localizar-se onde a ocupação e incorporação definitiva no todo nacional implicava na própria segurança das fronteiras. Os traçados nos mapas resultado dos processos históricos de ocupação ou de tratados bi ou multilaterais, em muitos casos, não passavam de uma ficção enquanto os espaços imediatamente contíguos não fossem assegurados através de um povoamen-

* Professor do Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS.

to sistemático e estável. Situações deste tipo encontramos no centro e no sul do Chile, ao longo de praticamente toda fronteira oeste e norte da Argentina, e do Brasil meridional com os países do Prata. Uma terceira característica desses povoamentos vem somar-se às duas anteriores. Nos três países em análise formam comunidades de pequenos proprietários que desenvolvem uma agricultura de subsistência de variados produtos básicos que tem como finalidade imediata assegurar a subsistência da família e num segundo momento abastecer o mercado com alimentos e algumas outras matérias-primas. Esse povoamento representa um contraponto aos grandes latifúndios monocultores principalmente do Brasil e da Argentina. Do substrato assim posto originou-se uma economia de subsistência e de abastecimento dos mercados consumidores urbanos, a formação de comunidades solidamente organizadas e uma classe média rural preenchendo o vácuo social e político existente entre a aristocracia dos grandes proprietários e a massa de peões, diaristas, trabalhadores sazonais, meeiros, etc. Começamos este estudo comparativo pela colonização que ocorreu a partir de 1851 no centro e no sul do Chile, no lago de Lhanguihue, onde sobressaem como centros mais conhecidos Puerto Montt, Puerto Varas, Fruitillar, e na região mais ao norte até Temuco, conhecida na época como "Frontera".

Colonizações alemãs no Chile

A presença alemã no Chile começa realmente a se intensificar e a se estender para todo o país, após a independência. Num primeiro momento, isto é até meados do século dezanove, os alemães que chegavam costumavam ser solteiros e estabeleceram-se como comerciantes nas cidades maiores, como Santiago e Valparaíso. Em 1822 um primeiro estabelecimento comercial começou as suas atividades nesta última cidade. Entre a independência e a vinda dos imigrantes propriamente ditos, a presença de alemães tornou-se cada vez mais freqüente também em outras cidades e regiões do Chile. Foram estes imigrantes, entre os quais destacou-se Bernhard Eunum Philippí, que prepararam o terreno e colocaram as bases para uma imigração de povoamento mais ambiciosa e a longo prazo, concretizada a partir da metade do século, com famílias que foram estabelecer-se no sul do país. Uma fidelidade acentuada à língua e às tradições e a conseqüente aversão ao caldeamento com outras etnias, de modo especial as autóctones, com predomínio dos Mapuches, mantiveram os núcleos de imigrantes alemães etnicamente isolados e identificados durante as primeiras gerações. Imprimiram, desta forma, características que aproximam bastante a

paisagens européias, como na Alemanha Central e do Norte, a toda a região entre Temuco, Puerto Montt e Puerto Arenas. O arranjo das propriedades, as moradias e as benfeitorias contíguas, o plantio de cevada, trigo, batata, a criação de gado leiteiro, o estilo arquitetônico e a decoração das moradias, igrejas e sedes de clubes, o nível cultural do povo, os costumes, etc., marcam inconfundivelmente a região.

Philippi tornou-se a figura decisiva na implantação dos primeiros núcleos de colonização planejada no sul do Chile. Após uma viagem à Alemanha e principalmente a sua cidade de origem Berlim, regressou ao Chile em 1841 para dar andamento aos seus planos e projetos, enquanto o professor Wappäus encarregou-se de desencadear, por meio de artigos, uma insistente propaganda pela colonização do sul do Chile. Philippi voltou depois ao Chile, percorreu a região das atuais províncias de Valdivia, Chiloe e Lhanguihue para um exame mais minucioso das terras e avaliar as perspectivas para uma colonização por povoamento. Uma lenda dizia que o lago abrigava espíritos malignos. Philippi encontrou de fato as proximidades do lago de Lhanguihue despovoadas e tomadas por uma floresta quase impenetrável. Confeccionou um mapa detalhado da região depois mandou para o ministro do interior do Chile um memorando acompanhado por plano de colonização. Argumentava que a execução do projeto seria de utilidade tanto para o Chile quanto para a Alemanha, pois previa a transferência de técnicos, que, segundo o autor, sobravam na Alemanha e faziam falta no Chile. O memorando com o projeto anexo não teve resposta da parte do ministro do interior.

Philippi não desanimou depois deste insucesso. Participou da expedição que conquistou o Estreito de Magalhães para o Chile. Em reconhecimento, o governo do Chile o nomeou governador de Magalhães e distinguiu-o com patente militar. Seus interesses, porém, continuaram a concentrar-se em projetos de colonização nas margens do lago Lhanguihue. Tentou pôr em andamento um novo projeto de colonização, desta vez na desembocadura do rio Maullin. O projeto previa a dragagem do rio por conta própria em contrapartida de isenção de impostos futuros. O governo não aceitou a proposta argumentando que a dragagem era uma obra da competência do Estado. Declinou então do cargo de governador de Magalhães e do seu posto militar, para dedicar-se como empreendedor privado a novos projetos de colonização nas proximidades do lago de Lhanguihue.

Neste meio tempo o comerciante e cônsul prussiano Ferdinand Flindt havia adquirido terras nas proximidades de Osorno.

Antes, porém, de as primeiras famílias arregimentadas para o plano chegassem da Alemanha, ele já falira e um outro comerciante, Franz Kindermann, assumira o projeto. Juntamente com seu sogro Johann Renous, incompatibilizaram-se depois de pouco tempo com o estado chileno. Renous foi acusado de haver adquirido ilegalmente terras dos índios. O real interesse de Kindermann resumia-se em adquirir tantas terras quantas pudesse e fazer negócios colonizando-as. Com essa intenção pôs-se em contato com a "Associação para a Centralização da Emigração e Colonização alemã" com sede em Berlim e com a associação do mesmo nome em Stuttgart, à procura de apoio e recursos.¹

Em 1848, o cunhado de Kindermann, o revolucionário Alexander Simon, fundou o grupo de Stuttgart. O plano de colonização por ele concebido previa o envio de três levadas de imigrantes, cada uma formada por 1.000 pessoas para o projeto de Kindermann e Renous. Obviamente os dois estavam mais interessados em fazer negócios com terra do que propriamente criar as condições para que os imigrantes encontrassem no sul do Chile condições propícias para construir um futuro definitivo, digno e promissor para si e seus descendentes. De imediato, apareceram os problemas relacionados com a situação legal daquelas terras. Assim, as primeiras nove famílias que chegaram ao projeto não tardaram em transferir-se para a região de Valdivia, Osorno e La Unión. Prosperaram rapidamente e se tornaram os melhores propagandistas para a colonização alemã no sul do Chile. O problema nunca definitivamente resolvido da legitimidade da posse da terra, iria acompanhar como um pesadelo os teuto-chilenos, até o governo do presidente Allende no início da década de 1970. Mais de cento e vinte anos depois da chegada dos primeiros imigrantes regulares. Tratou-se principalmente de pôr sob suspeita a legitimidade da aquisição, por parte de protestantes, de terras nas comunidades de Osorno e Concepción. O pastor Jung atribuiu a tentativa de contestar tão tardiamente a legalidade da posse (1973), como excrescências de uma reforma agrária carregada de ódios.²

De qualquer forma, estavam colocadas as bases mínimas para iniciar-se uma imigração regular para o sul do Chile, para a qual a Lei para a Colonização de 1845 formulou os pressupostos de segurança essenciais. Todas essas circunstâncias deram novo ânimo para Philippi. Voltou a integrar-se no exército chileno e

¹ FRÖSCHLE, Hartmut (Ed.). *Die Deutschen in Lateinamerika – Schicksal und Leistung*. Tübingen e Basileia: Horst Erdmann Verlag, 1979, p. 306.

² *Ibid.*, p. 307.

tornou-se assessor para imigração do presidente Bulnes. Entre 1848 e 1852 atuou como agente oficial de imigração. Foi encarregado de agenciar entre 180 e 200 famílias alemãs católicas sob a condição de arcar com as despesas a partir de recursos próprios ou em caso de emergência com financiamento do governo. O projeto previa o assentamento na margem sul do lago de Lhanguihue com financiamento a ser ressarcido, fornecimento de ferramentas e sementes, isenção de impostos, financiamento para a manutenção de curas de alma, professores e médicos alemães.

Seguiu-se uma cerrada campanha de arregimentação de candidatos para a imigração, concentrada de início na região de Kassel. A propaganda feita através de jornais, volantes, cartazes, etc. além de ressaltar as vantagens e as perspectivas da imigração para o Chile, continha indicações sobre o perfil dos candidatos a imigrante: deveriam imigrar somente pessoas de posse de uma profissão aproveitável e algum capital; os profissionais, os agricultores e os empreendedores tinham boas chances; a "massa pobre" assim como aqueles que preferem ocupar-se com a pena e a boca em vez das mãos permanecessem na Alemanha. Em 1847, seguiu para Valdivia um outro agente de imigração de nome Cäsar Maas. Aproveitou a viagem que fez à Alemanha para se casar e ao mesmo tempo angariar imigrantes para aquela região.

O projeto de colonização em andamento progredia numa dinâmica e num ritmo praticamente igual ou ao menos muito parecido ao de outros empreendimentos similares em toda América Latina da época: na Argentina, no Brasil, no Paraguai. Tratava-se de tarefa para pioneiros decididos a enfrentar uma natureza desconhecida, selvagem, entregues a si mesmos num total isolamento, rodeados por um contexto social totalmente estranho e não poucas vezes hostil, sem vias de comunicação, sem um mínimo de conforto, privados de assistência médica, educacional e religiosa. No caso da imigração alemã para o Chile, interpuseram-se algumas dificuldades específicas. Uma das condições impostas a Philippi foi que apenas levasse imigrantes alemães católicos. Aconteceu, porém, que vários bispos católicos fizeram restrições para com a emigração de católicos e assim ele incluiu entre os imigrantes uma maioria de protestantes, fato que lhe valeu um posterior hostilidade da parte dos chilenos.

Uma outra dificuldade apareceu quando as primeiras levas arregimentadas por Philippi chegaram. Constatou-se que as terras nas proximidades de Valdivia já não estavam disponíveis e aquelas das proximidades do lago de Lhanguihue eram praticamente inacessíveis. Com a chegada de mais e mais levas de imigrantes, estes come-

çaram a ser encaminhados para o velho forte de Corral e ao atual Puerto Montt. Aí permaneceram durante dois anos, nas condições mais precárias imagináveis. Puerto Montt foi oficialmente inaugurado em 1853. Pouco tempo depois as terras nas margens do lago foram medidas e distribuídas. Os colonos receberam a crédito uma junta de bois, uma vaca, 200 tábuas, pregos e outros artigos necessários para construir as casas. Em cartas que datam da época, fala-se das grandes dificuldades encontradas com o manejo da floresta, a carência de carretas de quatro rodas, o inverno inclemente acompanhado de fome e privação. Não demorou, porém, dentro de alguns anos, as povoações perto do lago, assim como Puerto Montt, Puerto Varas, Osorno, Frutillar, Valdivia, começaram a exibir um visível progresso.

Os imigrantes alemães que povoaram o sul do Chile, procediam, como aconteceu também no Brasil e na Argentina, de todas as regiões da Europa onde predominava a assim chamada "ordem alemã". Correspondia, em grandes linhas, à atual República da Alemanha, territórios da Pomerânia, da Silésia, da Boêmia e da Prússia Oriental, incorporados depois da Segunda Guerra Mundial à Rússia, à Polônia e à República Checa, da Áustria, da Suíça, da Alsácia e da Lorena, de Luxemburgo e de alguns territórios menores na periferia. O contingente mais significativo, entretanto, procedeu de Hessen, Kassel e Rotenburg, devido à influência dos irmãos Philippi. Contingentes ainda significativos emigraram da Silésia, de Württemberg, Vestfália, Brandenburgo, Saxônia, Hannover e Hamburgo. Na década de 1870, depois que as margens do lago de Languihue estavam completamente ocupadas, aportou mais um grupo significativo procedente da Boêmia. Fundaram, em 1875, Nueva Brunau. Completara-se assim a primeira fase do povoamento por imigrantes alemães das terras disponíveis nas proximidades do lago de Languihue no sul do Chile.

No decorrer das décadas de 1870 e 1880 o governo chileno lançou-se à tarefa de incorporar no esquema produtivo do País a grande área localizada entre o Chile meridional e central denominada "Frontera". Originalmente havia sido reservada para os índios araucanos. Um pequeno grupo de imigrantes alemães, contudo, veio a fixar-se no território já em 1850. Quase uma década depois, em 1858 e 1859, um outro pequeno grupo de 36 famílias foi assentada na localidade de Humán. A rebelião dos índios, de 1859, fez com as autoridades chilenas desistissem temporariamente do projeto de colonização da Frontera. Formando uma pequena minoria, esses imigrantes, ao contrário dos do sul, não tardaram em abandonar a língua e os costumes alemães em meio a uma população predominantemente chilena.

A ocupação da Frontera com imigrantes europeus, experimentou um considerável alento nas décadas de 1870 e 1880, depois que ações militares contra os índios e uma nova legislação de colonização franquearam o território para colonizações de maior porte. Dos 36.092 imigrantes que entraram na região entre 1883 e 1898, apenas 2.041 foram alemães. Uma minoria, portanto, que se concentrou principalmente em Contulmo, Timuco e Quillén. Procediam das regiões ao leste do Elba e da Alemanha do Norte e interessavam-se mais por ocupações urbanas do que pela agricultura. É óbvio que a dispersão de uma minoria dessas num território tão vasto impedisse a formação de comunidades alemãs fechadas, como aconteceu no sul. Dispersaram-se por isso em doze assentamentos diversos por todo o território, compartilhados com outros europeus e com chilenos.

No começo do século 20, ocorreu mais um pequeno assentamento em Comuy, no território da Frontera. A companhia de colonização, "Sociedad Ganadera e Industrial de Valdivia", recebeu do governo chileno 20.000 hectares, localizados a 30 quilômetros distantes da estação da estrada de ferro Pitrufquén. O contrato previa que as terras fossem colonizadas com imigrantes vindos da Europa. A companhia, entretanto, as ocupou com elementos mal sucedidos na ilha de Chiloé e outras colônias localizadas na área de mata virgem. Sem estradas e outras vias de comunicação, a vida para esses pioneiros foi extremamente dura. A maioria deles transferiu-se como assalariados para a cidade de Temuco, outros abandonaram a região e os que ficaram tiveram muitas dificuldades em progredir de alguma forma. Em 1912, desembarcaram na colônia 23 novas famílias vindas da Alemanha, inclusive duas do Brasil, seguidas depois por suíços-alemães, russos-alemães e europeus de várias procedências. Formou-se assim uma colônia mista, que ao final da primeira geração mostrava sinais evidentes de prosperidade, com moinhos de trigo, serrarias, tornearias, marcenarias em pleno funcionamento.

Em 1924 foi criado um fundo para a colonização e em 1929 ocorreu o assentamento pelo governo chileno, de um grupo de famílias católicas bávaras em Peñaflores, nos arredores de Santiago. Dedicaram-se principalmente à cultura de hortaliças e frutas. A este último projeto de imigração seguiram mais outros menores, como o de La Serena, em 1951, e o controvertido grupo de 230 imigrantes vindos de Siegburg, nas margens do Lahn, em 1961. Compraram a gleba El Lavadero e entre 1966 e 1968 provocaram uma grande controvérsia pelos jornais por causa de sua maneira de ser um tanto misteriosa. Abstraindo, porém, deste particular a Colonia Dignidad

ou "La Sociedad Benefactora y Educacional Dignidad", nome pelo qual é conhecida oficialmente, contribui, ainda hoje, de forma decisiva para o progresso de toda a região.

Na obra monumental *Die Deutschen in Lateinamerika* a gênese e a dinâmica do teuto-chilenismo foi assim resumida:

A pedra fundamental do teuto-chilenismo foi indubitavelmente colocada durante o século 19. Durante o século 20 seguiram ainda algumas ondas imigratórias pequenas e até minúsculas. Os descendentes dos teuto-chilenos do sul expandiram-se para outras regiões. Assim, por exemplo, encontravam-se, já em 1895, alemães e seus descendentes no Chile inteiro, a começar pelo estreito de Magalhães até o deserto de Atacama, nas pequenas e grandes cidades e até nas aldeias mais afastadas. Os filhos dos colonos do mar casavam e circulavam no circuito das velhas colônias, até Osorno e Valdivia. Raramente ultrapassavam a Frontera. Os filhos de famílias mais ambiciosas formaram-se professores, médicos, engenheiros de minas ou funcionários. Outros tocavam pequenos negócios ou trabalhavam para as grandes indústrias do norte. Uma minoria dos antigos colonos se deu mal e teve que ser amparada pelos patrícios.³

O autor da obra citada conclui a sua análise da presença de alemães no Chile com as seguintes considerações:

Como se pode ver, a onda imigratória de alemães para o Chile aconteceu durante o século 19. Apesar de terem encontrado dificuldades no início da imigração, pode-se dizer que elas foram relativamente simples para os colonos. Entre os anos de 1850 e 1870, os preços das terras do governo permaneceram relativamente estáveis. Acresce ainda que na época os ibero-chilenos estavam mais interessados no Chile Central, facilitando-se assim os assentamentos de grupos inteiros de alemães no sul. Com o correr dos anos, os colonos do sul multiplicaram suas propriedades. Assim, por exemplo, em 1903, 32 das 34 maiores propriedades de Valdivia encontravam-se em mãos de famílias com sobrenome alemão. A mesma situação valia para Puerto Montt e Puerto Varas.⁴

Conforme um relatório de 1940, os alemães ou seus descendentes ocupavam cerca de 1,5 milhões de hectares, importando em 7,5% das terras aproveitáveis de todo o país. Até 1898, a legislação impedia os chilenos autóctones de colonizar o sul e a chamada Frontera. Esta é uma explicação ao menos parcial para o fato de os imigrantes alemães predominarem na região. Essa legislação pretendia assim impedir que os agricultores do Chile central migrassem para fora da sua região.

³ Fröschele, *Die Deutschen in Lateinamerika*, p. 311.

⁴ *Ibid.*, p. 313.

O analista continua:

Embora os povoadores alemães somavam menos do que 10.000 até a virada do século, contribuíram em muito para o reerguimento da região que depois da saída dos espanhóis caíra em decadência. Em apenas poucas décadas o sul conquistou uma importância considerável tanto no plano agrícola como no industrial. O poeta José Alfonso referiu-se assim ao fato: "Nem todas as partes do Chile foram beneficiadas com alemães". Outros intelectuais do século 19 concordam. V. Sanchez escreveu na sua história de Osorno: "A chegada do povo louro teve o efeito de uma transfusão: novas idéias, novos métodos, nova energia. O início da colonização trouxe um rejuvenescimento dos hábitos e do sistema de trabalho, a cidade acordou de seu sono".

O Chile, de modo especial o sul, com seu clima ameno e sua paisagem semelhantes aos da Alemanha, tornou-se a querência de muitos que fugiram das perturbações da Alemanha do século XIX, época em que o Chile era um dos países mais estáveis da América Latina. Todos saíram ganhando – no sul, na Frontera e nas cidades: os imigrantes a quem se ofereciam possibilidades, contanto que fossem laboriosos; e no país, o Chile: beneficiando-se com a colaboração de colonos, profissionais e empreendedores alemães.⁵

Colonizações alemãs na Argentina

As primeiras quatro décadas que se seguiram à independência da Argentina, caracterizaram-se por sucessivas perturbações políticas. A acomodação das diferentes facções que se digladiaram durante as décadas de 1820, 1830, 1840 e 1850, custaram a encontrar um consenso mínimo em torno das bases políticas, administrativas, econômicas e sociais que deveriam servir de base para o Estado nacional. A batalha de Monte Caseros marcou o início de uma nova era para a construção nacional da Argentina. Mesmo assim, os desentendimentos entre "unitaristas" e "federalistas" continuaram ainda durante dez anos, antes de se chegar finalmente a um acordo. Até aquele momento, a capital da "Confederação Argentina" havia sido Paraná. Buenos Aires abandonara a "Confederação" por não aceitar Urquiza como presidente. Em 1861, Urquiza foi derrotado por Mitre, assumindo este a presidência da Argentina em 1862. Foram necessários mais alguns anos até concluir definitivamente a organização nacional, equacionando as diferentes forças políticas.

⁵ Ibid., p. 314.

É evidente que durante este período a prioridade máxima se concentrasse na consolidação das bases políticas e institucionais da nova República. Somente depois disso abriu-se espaço para a formulação de políticas de desenvolvimento e, neste contexto de políticas, legislações e regulamentos para a colonização por imigrantes estrangeiros dos territórios devolutos.

Foi a partir de meados do século XIX, portanto, que a Argentina começou a receber imigrantes não ibéricos. Tornou-se, ao lado de Estados Unidos, Canadá, África do Sul, Austrália, Brasil e Chile, o destino dos imigrantes da Europa central e do norte. A corrente migratória que desde então, até a década de 1940, afluía à Argentina, era composta principalmente de alemães e italianos. Como no caso do Brasil, os alemães representavam o grupo numericamente menor. Apesar disso, deixaram marcas indeléveis em várias regiões da Argentina, onde implantaram as suas colônias. Paralelamente, surgiram comunidades alemãs urbanas em Buenos Aires, Mendonça, Córdova e Rosário, desenvolvendo uma intensa vida cultural, associativa, educacional e religiosa. Werner Hoffmann caracterizou essa realidade em *Deutschen in Argentinien*:

Mesmo que o elemento alemão em termos numéricos ficasse bem atrás dos imigrantes procedentes de outros países europeus, teve uma participação decisiva em todas as áreas do desenvolvimento do País. A história da germanidade na Argentina não é a história de uma colônia fechada sobre si mesma, isolada num mundo estranho, mas uma parte da história da Argentina. Seus portadores são gerações de homens de origem alemã que legaram à terra dos seus filhos a herança da sua terra natal.⁶

Os assentamentos dos imigrantes alemães na Argentina durante o período da consolidação do Estado nacional, concentraram-se, em grandes linhas, em três regiões: Patagônia, Chaco e Misiones. É preciso naturalmente acrescentar as comunidades urbanas de Buenos Aires, Rosário, Córdova, Tucumán, e outras.

Passadas quase sete décadas da independência, o território sob controle efetivo do governo da República Argentina, não ultrapassava significativamente os limites do fim do período colonial. O grande Pampa, continuava isolando as estreitas faixas ao longo dos Andes e de ambas as margens do rio Paraná. O Pampa, a Patagônia e o Chaco encontravam-se nas mãos dos índios e as matas pluviais com seus excelentes solos, o "ouro verde, a yerba", e a riqueza em madeiras nobres, aguardavam a chegada dos colo-

⁶ LÜTGE, Wilhelm; HOFFMANN, Werner; KÖRNER, Karl Wilhelm; KLINGENFUSS, Karl. *Deutsche in Argentinien*. Buenos Aires: Verlag Alemann S. R. L., 1980, p. 5.

nos, que mais tarde viriam do sul do Brasil e da Europa. Durante as décadas de 1850 e 1860 os governos argentinos tiveram que enfrentar o grande desafio do controle das regiões dominadas pelos índios. Neste jogo de forças entre as expedições governamentais e os nativos, os avanços e recuos de ambas as partes se prolongaram durante duas décadas. A dilatação do espaço controlado pelo governo central começou a definir-se com a "expedição ao deserto" do general Roca e a construção da ferrovia Rosário-Córdova. Os índios mantidos sob controle pela diplomacia e pela força por Rosas em 1852, avançaram novamente sobre as fronteiras. O major Bartolomé Miter empreendeu então, em 1855, saindo de Azul, uma desastrosa expedição em direção ao Pampa. O resultado foi a consolidação da "fronteira sangrenta", que se estendia de Bahia Blanca a Pergamino. Tratava-se, na verdade, de uma terra de ninguém, sem autoridade e sem lei. A situação dessa "frontera" mereceu a seguinte descrição:

Considerando que as tribos de índios no sul do País, mal somavam 15.000 indivíduos, não se entende por que foi preciso tanto tempo para neutralizá-los. Já que os selvagens não dispunham de armas modernas, não estavam em condições e resistir a um exército treinado. Acontece que contra eles nunca foi enviado um exército, não por razões filantrópicas, mas porque políticos e comerciantes se aproveitavam da "frontera" para seus próprios negócios escusos. Durante meses e até anos os regimentos acantonados nos fortes de fronteira, não recebiam soldos. O dinheiro vindo de Buenos Aires e destinado para o pagamento, desfazia-se como um bloco de gelo, ao longo do caminho da burocracia, passando por muitas mãos, antes de chegar ao destino. As tropas não dispunham nem de armas nem de cavalos, pois os fornecedores estavam mancomunados com oficiais e funcionários sem escrúpulos. Não entregavam nada mais além de sobras. O próprio abastecimento estava abaixo de toda a crítica. O fornecimento de gêneros alimentícios fora confiado a firmas particulares mediante comissionamento público. Não forneciam nem a décima parte a que se comprometiam nos documentos. Em poucos anos os oficiais que participavam dos negócios dos fornecedores tornavam-se homens abastados. Que os soldados não se amotinassem entende-se pelo fato de as tropas serem predominantemente integradas por criminosos e vagabundos, incorporados à força. Obviamente não alimentavam nenhum interesse sério no combate aos índios. Interessava-lhes unicamente como fazer para que alguma coisa do espólio terminasse em suas mãos. Os ataques aos selvagens ofereciam uma boa oportunidade. Nas ocasiões em que uma tropa de gado era subtraída a alguma estância, os oficiais e soldados compravam os couros por pouco dinheiro e os passavam adiante para outros compra-

dores, os quais, por sua vez faziam ainda um bom negócio. Acontecia também que os índios vendessem o gado ao próprio dono original. Assim todos na "frontera", menos os estancieiros prejudicados, tinham como se manter.⁷

A situação só não se prolongou por mais tempo, porque os índios se tornaram cada vez mais agressivos e mais afoitos, durante a epidemia de cólera e a guerra contra o Paraguai. Uma outra ameaça esboçava-se pelo sudoeste. Os chilenos cruzavam os Andes em úmero crescente, pondo em risco a soberania argentina sobre a Patagônia. O presidente Avellaneda resolveu agir energeticamente para controlar a situação. Encarregou seu ministro da guerra, o general Julio Roca para submeter os índios. Em 14 de agosto de 1878, foi oficialmente incumbido de conquistar as 15.000 milhas quadradas da Patagônia. O cumprimento desta missão implicava numa dupla tarefa: neutralizar e eliminar tanto a "frontera da corrupção" quanto a "frontera das carnificinas".

O general Roca, primeiro comandante com formação científica do exército argentino, estudou cuidadosamente as condições geográficas, as possibilidades de deslocamento, as vias de penetração para o interior do território e as estratégias militares mais adequadas. Os subsídios básicos de que se valeu encontravam-se registrados num relatório elaborado e entregue em 1873, no ministério da guerra, pelos oficiais Frederico Melchert, Francisco Horst e Jordán Wysowski. Baseado nestes relatórios, encarregou o futuro general Lorenzo Winter para explorar o rio Colorado e o major Horst o rio Negro.

A missão do general Roca não se resumia, porém, em assegurar militarmente a Patagônia. Deveria ser apenas o pressuposto para abrir a região ao povoamento e incorporá-la no contexto produtivo nacional. Com a finalidade de avaliar e mapear o potencial econômico, fez participar da sua expedição um considerável contingente de peritos e especialistas, encarregados de avaliar as condições do solo, a flora, a fauna, os recursos minerais, além das possibilidades de colonização sistemática. A comissão científica para o rio Negro junto ao estado maior, era formada exclusivamente por técnicos e pesquisadores alemães. Entre eles: o zoólogo Adolfo Doering, da universidade de Córdoba, com seus auxiliares Carlos Berg e Eduardo Homberg, os botânicos Pablo Lorenz de Córdoba e Gustavo Niederlein; o ornitólogo Frederico Schultz.

⁷ Ibid., p. 197-198.

A expedição de Roca que se prolongou pelos meses de abril, maio e junho e foi um sucesso sob o aspecto militar. Ao final, os 15.000 índios estavam reduzidos a um milhar. O êxito militar veio acompanhado de resultados científicos não menos significativos. As observações e as conclusões dos cientistas sobre a região do Rio Negro foram reunidas numa edição ilustrada de luxo de três volumes. Os dados mostraram que o povoamento da Patagônia era viável.

Os passos iniciais concretos para o povoamento da Patagônia foram dados por outro oficial alemão do estado maior de Roca, o primeiro tenente prussiano Rhode, que participara da expedição de Roca. Depois de percorrer a bacia do Rio Negro, publicou, em 1883, várias matérias no jornal alemão de La Plata, defendendo o povoamento da região com imigrantes alemães. Foi sua a manifestação: "Necessitamos povoadores de raça germânica, não românicos, esses esperam tudo do governo". Rhode conquistou para sua causa o Dr. Chr. Heusser e Georg Klaraz, que desde 1863 se dedicavam à vitivinicultura nas imediações de Bahia Blanca. Um relato sobre a possibilidade do povoamento da Patagônia, publicado por Heusser na Suíça, contribuiu para atrair colonos alemães.

O interior da Patagônia, próximo à Cordilheira, permaneceu ainda por algumas décadas região de colonização a partir do Chile. Encontramos entre esses povoadores um número considerável de alemães. Destacou-se, por exemplo, Albert Euchelmayer, que instalou uma estância de muitos milhares de hectares, próximo a Junin de los Andes. Visitantes do estabelecimento não pouparam elogios à primorosa organização que transformou a estância num empreendimento modelo por Albert Euchelmayer e seu filho Alfredo, apesar das enormes distâncias de quatro dias de viagem até os centros civilizados mais próximos. O dentista mais próximo atendia no seu consultório em Temuco no Chile. A travessia dos Andes exigia nada menos do que quatro dias. Os suíços Camilo e Felipe Goye semearam centeio e aveia na região, instalaram hortas e criaram gado. A eles se juntaram gradativamente mais suíços e alemães, imprimindo um certo caráter europeu a toda região dos lagos. San Carlos de Bariloche deve seu nome ao alemão Karl Wiederhold.

A colonização do vale do Rio Negro, a partir da costa da Argentina, enfrentou dois grandes obstáculos. Em primeiro lugar, foi preciso abrir vias de acesso à região e em segundo lugar colocar à disposição dos povoadores um eficiente sistema de irrigação. O problema do acesso ao Rio Negro e a comunicação com os centros maiores foi resolvido lentamente. Projetos de irrigação mal concebi-

dos e tecnicamente pior executados aniquilaram os sonhos de uma colonização nos melhores padrões da época. Desta maneira, os lotes de 100 hectares que seriam entregues aos colonos não tinham serventia e desfez-se o sonho de uma colonização-modelo no Rio Negro. De outra parte, esboroou-se a melhor das intenções do governo em amparar os colonizadores com auxílios financeiros, ao defrontar-se com um dos vícios mais nefastos da época. Os recursos evaporavam-se nas diversas instâncias burocráticas interpostas entre o tesouro e o destino final, os colonos no Rio Negro. A este problema veio somar-se mais um. Entre os imigrantes recém-chegados havia uma porcentagem significativa de pessoas sem tradição na agricultura. A sorte dos povoadores, que em outras circunstâncias teria sido fatalmente trágica, teve contudo um final feliz. Informado sobre a situação de seus compatriotas, o embaixador alemão von Holleben viajou até o Rio Negro. O relatório que elaborou levou à dissolução da colônia e à transferência dos colonos para Buenos Aires, às expensas do Estado. Como sempre acontece em situações do gênero, alguns poucos permaneceram na região. Dedicaram-se a diversas profissões ou envolveram-se em projetos de pomicultura, horticultura, vitivinicultura, produção de leite, etc. Mas o projeto como tal acabara. Com ele, porém, a idéia de um aproveitamento produtivo do vale do Rio Negro, não foi abandonada.

No relatório da sua viagem pela região em 1897, W. Alemann observou que a parte superior do vale do Rio Negro com o auxílio da imigração, poderia ser transformada num pólo produtor de hortifrutigranjeiros. O maior obstáculo, além dos problemas de irrigação, continuavam sendo a falta de acesso por vias permanentes e confiáveis. Depois do seu retorno a Buenos Aires, Alemann esboçou uma proposta de projeto na qual sugeria a irrigação da área ao longo do Rio Negro, a criação de uma companhia de colonização, a produção em sistema cooperativo de uvas, vinho, frutas, pastagens, complementada com as respectivas agroindústrias: fábricas de conservas, curtumes, frigoríficos, moinhos. As previsões se materializaram nas décadas seguintes entre 1900 e 1930. Uma parte do sonho de Alemann contudo não se concretizou. A companhia que se destinaria para a implantação de uma colonização alemã maciça não se efetivou. Na Villa Regina instalaram-se imigrantes italianos em lotes de 10 a 15 hectares. Estas e outras localidades experimentaram um grande sucesso. Em 1929, escreveu a seguinte apreciação sobre a situação do Rio Negro: "Não se entende como um pedaço paradisíaco de terra como este, já há muito tempo não foi entregue a uma cultura intensiva...". Em seguida descreveu o estabelecimento modelo "Los Alamos" de Rosauer, perto de Paso Peñaiva:

Um motor diesel de 50 cavalos bombeia a água do rio e irriga cerca de 50 hectares, destinados ao cultivo de um milhão de árvores. Uma administração exemplar conduz o empreendimento. Além das variedades de frutas produzidas no Rio Negro, cultivam-se duzentas variedades de rosas, árvores frutíferas e ornamentais. Essa estação de silvicultura é de grande significado para a integração da produção na região do Rio Negro.⁸

No início da década de 1930 havia em torno de 1.500 alemães na região do Rio Negro. Sobre eles novamente o depoimento de E. F. Alemann:

Em toda a parte encontram-se alemães e pessoas falando alemão, ou na condição de sítiantes bem sucedidos, ou como comerciantes, ou como hoteleiros, ou como funcionários e empregados. A melhor cerveja de General Roca é obviamente servida numa hospedaria alemã, que dispõe de instalações de refrigeração. Mas acontece que nesta região de futuro promissor e favorável para o comércio, não existe um povoamento fechado de alemães.

Para o sul da região do Rio Negro estendem-se as pastagens naturais da Patagônia. Os campos impróprios para a agricultura inviabilizaram todas as iniciativas visando uma colonização de povoamento. A solução para o seu aproveitamento foi encontrada na criação de ovinos. W. Vallentin, um prussiano oriental que combatera contra os ingleses na guerra dos Boers, adquiriu em 1905, por concessão, uma área de 450 quilômetros quadrados no vale do Rio Pico. Infelizmente este projeto ficou só no sonho.

A partir do final do século XIX, começou a ocupação definitiva da região com pioneiros vindos da costa do Atlântico, entre eles muitos alemães. Uma lista de nomes figura como exemplar na história da Patagônia. Nela sobressai o nome de Richard Fischer, natural de Leipzig. Instalou no território de Chubut uma estância-modelo para criação de ovelhas. Em 1924, contava com 6.000 cabeças. Quase ao mesmo tempo, chegaram à região o suíço Friedrich Karl Tschudi e o badense Schelkly, que se associaram a Fischer. Os três irmãos Miche, naturais de Berna, instalaram fazendas de criação de ovelhas. As fábricas de tecidos Mitau e Grether adquiriram terras e fundaram a "Estanzia Marieg". Os criadores alemães de ovinos espalharam-se por toda a Patagônia. Grandes casas como Staudt, Lahnsen e Plate, sediadas em Buenos Aires, instalaram empreendimentos-modelo na Patagônia.

⁸ Ibid., p. 203.

A bem sucedida criação de ovelhas estimulou o surgimento de frigoríficos especializados no processamento de carne ovina e o comércio de lã predominantemente controlado por alemães.

O isolamento e a dificuldade de acesso fez com que o Chaco se transformasse no refúgio natural dos índios cada vez mais acuados pelo avanço dos europeus. Ainda nos anos de 1880, as comunidades alemãs e suíças na região de Santa Fé, eram alvos constantes dos assaltos dos Tobas. O ministro da guerra em pessoa comandou em 1884 a expedição visando a submissão dos índios. Um número considerável de alemães participou desta expedição, com destaque para o primeiro tenente Francisco Horst, chefe dos pioneiros e veterano da expedição de Roca à Patagônia. A submissão dos índios levou um par de décadas para completar-se e os recursos naturais pudessem ser explorados. As enormes reservas de madeira e o tanino extraído do "quebracho vermelho", provocaram uma verdadeira corrida para o Chaco. O fornecimento de dormentes para as ferrovias em construção, serviu de base para empresas como a de Adolf Schuster, em 1910. Em 1880, os irmãos Hasteneck colocaram em funcionamento a primeira usina de extração de tanino do "quebracho vermelho".

As colônias de lenhadores e as plantações de cana de açúcar em Tucumán e Salta, atraíram sempre mais índios. Em contato com os espanhóis e estrangeiros, sucumbiram ao álcool e às doenças venéreas. Um pequeno número deles sobreviveu nas poucas estações de missionários franciscanos e evangélicos.

O Chaco transformou-se definitivamente num território de futuro, quando se constatou que seu solo e clima favoreciam a produção de algodão, arroz, rícino e cana de açúcar.

Depois das tentativas frustradas de tornar os rios Salado e Bermejo navegáveis, empreendeu-se a construção da ferrovia Resistencia-Metán. Esta obra que enfrentou incriveis obstáculos na implantação de seu leito, cruzando florestas e pântanos, permitiu o acesso definitivo e permanente ao território. Três alemães foram responsáveis pela construção da ferrovia: o engenheiro-chefe Storm e os engenheiros auxiliares Schnerr e Baur.

A implantação definitiva das colônias alemãs no Chaco foi assim resumida na obra já várias vezes citada *Deutschum in Argentinien*:

Na época de Tjark a presença alemã em Resistência era pouco representativa. Poucos anos depois, porém, desencadeou-se o fluxo de povoadores alemães que, nas duas décadas posteriores, foi-se avolumando cada vez mais, contribuindo decisivamente para o desenvolvimento do Chaco e Formosa. Os primeiros agricultores alemães fixaram-se nas proximidades de Charata. Cultivaram algodão, mas nos primeiros anos enfrentaram sérias decepções. A seca e os gafanhotos aniquilaram sucessivas colheitas. A isso somou-se que os colonos que haviam-se assentado em terras do Estado não recebiam títulos regularizados e em parte tiveram que abandonar as terras depois de as tornarem produtivas. Muitos deles decepcionados abandonaram a região, embora as organizações alemãs de Buenos Aires tivessem posto em andamento uma obra de socorro. Os que perseveraram foram recompensados com os altos preços do algodão durante a Primeira Guerra Mundial. Depois da guerra, muitos alemães emigraram para o Chaco. Assim, contrariamente à Patagônia, surgiram aí grandes colônias alemãs com escolas e associações próprias. A solidariedade entre os povoadores alemães facilitou a luta pela existência dos novos imigrantes e contribuiu para que as colônias do Chaco conquistassem um relativo bem estar, apesar de alguns revezes. Quando em 1930 a desertificação das terras, a queda dos preços do trigo e a prolongada seca no Pampa, infligiram uma grande penúria aos povoadores alemães, o Chaco se mostrou uma região alternativa apropriada para emigrar.⁹

A "União dos Agricultores", fundada em 1927, em Buenos Aires, conseguiu que o governo pusesse à disposição dos colonos 120.000 hectares de terras, sem mato e ricas em água, ao norte de Roque Saenz Peña. A área foi dividida em lotes de 100 hectares e entregues aos colonos por um preço módico. Vencidas as dificuldades iniciais, as novas colônias de Castelli e La Florida desenvolveram para povoamentos em franco progresso e contando com várias escolas próprias.

A Província de Misiones, no nordeste da Argentina, foi a última a ser colonizada. Biogeograficamente pode ser tomada como uma extensão das florestas e dos solos férteis do sul do Brasil. A erva-mate, a "yerba", em estado nativo, representou, ao lado de uma dúzia de espécies de madeiras nobres, a sua maior riqueza. Seu interesse histórico concentra-se nos testemunhos das reduções jesuíticas que floresceram neste território nos séculos XVII e XVIII. Os elementos, porém, que exerceriam um fascínio irresistível sobre os colonizadores em potencial, foram os solos de alta fertilidade escondidos sob a floresta, a riqueza em água e a topografia

⁹ Ibid., p. 214-215.

suave de toda a região. A colheita predatória da erva mate fazia-se presente há décadas. Depois que o alemão Neumann redescobriu a técnica de fazer germinar as sementes da erva mate, desenvolvida pelos missionários e esquecida depois da destruição das missões, e o posterior desenvolvimento de ervais plantados, o "ouro verde", constituiu-se por muitos anos no carro chefe da riqueza de Misiones.

Dados de 1903 informam que na Província residiam 59 famílias alemãs, somando 291 pessoas. A colonização sistemática da região se desencadearia a partir do término da Primeira Guerra Mundial. A ocupação se deu por meio de assentamentos conduzidos tanto por empreendimentos privados como por iniciativa do governo argentino. Para o primeiro caso foram exemplares os projetos de Karl Culmey e Adolfo Schwelm. Karl Culmey coordenara, a partir de 1902, o projeto de colonização de Serro Azul (Cerro Largo), no Rio Grande do Sul, Brasil, promovido pela Sociedade União Popular. Seu parceiro inseparável nesta iniciativa fora o Pe. Max von Lassberg. Com a experiência adquirida e novamente contando com a colaboração do Pe. Lassberg e de Friedrich Rauber, coordenou a implantação de duas colonizações em Misiones: Puerto Rico, destinada aos católicos, e Monte Carlo, destinada aos protestantes. O contingente inicial desses dois núcleos foram integrados por colonos procedentes do Rio Grande do Sul. No mesmo ano, iniciou-se a colonização de Eldorado, sob o comando de Adolfo Schwelm. Schwelm montou e pôs em funcionamento um poderoso aparato de propaganda. Depois de assumir também a administração de Puerto Rico e Monte Carlo, conseguiu atrair cerca de 3.000 a 4.000 colonizadores para os três projetos.

Partindo da borda sul da mata da província de Misiones, o governo argentino organizou uma série de assentamentos: Cerro Cora, Bompland, Leandro Alem e Yerbal Viejo. Para as terras do governo encaminhavam-se de preferência imigrantes diretamente emigrados da Alemanha nos anos que se seguiram ao término da Primeira Guerra Mundial. Em 1925, os alemães na região somavam cerca de 25.000, fazendo com que o alemão fosse a única língua falada. Os colonos costumavam ser contemplados com lotes cobertos de mato de 50 hectares, pagos em seis prestações anuais, calculadas na base de dez a vinte pesos por hectare. O início desta colonização foi assim descrito:

Numa grande clareira encontra-se a aldeia "Meckring", assim denominada em homenagem ao agente postal Heinrich Meckring. Numa elevação ergue-se uma igreja de madeira, na qual atua um

pastor alemão. Serve também para ministrar aulas para os meninos e meninas de cabeças cor de trigo. Numa outra elevação encontra-se uma hospedaria alemã muito asseada. Distribuídas pelas clareiras vêm-se ainda algumas casas, uma loja e uma outra com ferraria anexa. Este é o centro da colônia. A grande maioria dos povoadores mora oculta no fundo da mata, ao longo das picadas abertas pelo governo e que penetram muitos quilômetros mata virgem adentro. Caminhos de terra vermelha contrastam com o verde da mata. Fontes e arroios por toda a parte dão vida à natureza. Para os povoadores alemães esta bela terra que, de alguma forma lembra a Floresta Negra, deve ter dado a sensação de estar em casa.¹⁰

A grande maioria dos povoadores diretamente imigrados da Alemanha fixaram-se na província de Misiones entre os anos de 1922 e 1924, no auge da crise provocada pela inflação na Alemanha. Sua maior concentração aconteceu entre Monte Carlo e Eldorado.

Misiones com seus 25.000 alemães experimentou um rápido progresso econômico à base da erva mate, de frutas cítricas e outras culturas. Verificou-se um poderoso estímulo na modernização e diversificação dos produtos agrícolas. O principal responsável por esse êxito foi o prof. Dr. K. E. Kempfski. Depois de lecionar em universidades alemãs e trabalhar em estações experimentais em Java e no Ceylão, transferiu-se para a Argentina, onde ocupou o cargo de diretor geral da agricultura em Santiago del Estero. Foi pioneiro na introdução em Misiones das culturas da soja, chá e tungue.

Os núcleos de colonização em Misiones deitaram rapidamente raízes, consolidaram-se e começaram a prosperar já na primeira geração dos colonizadores. Uma vez organizadas as comunidades, surgiram, sem tardar, os complementos indispensáveis: a implantação de uma rede de estradas e projetos multiutilitários, a organização de jardins de infância e cooperativas, etc. A união e a coesão entre os povoadores foi assegurada pelos serviços religiosos, escolas para o aprendizado da língua, associações, sociedades, clubes e até de um museu e de uma escola de silvicultura. A tudo isso somou-se uma primorosa rede de escolas comunitárias frequentadas em 1931 por 472 alunos, em Posadas, Eldorado, Monte Carlo, Cerro Corá e Leando Alem.

Nesta síntese da colonização alemã na Argentina, faltou ser avaliada a parte que coube aos teuto-russos, emigrados do Volga e do Mar Negro. Sua importância para a história da Argentina, do Brasil e de outros países da América Latina, merece um artigo próprio.

¹⁰ Ibid., p. 228.

Colonizações alemãs no Brasil

Entre os países da América Latina onde foram implantados projetos de colonização com imigrantes alemães, a primeira iniciativa coube, historicamente falando, ao Brasil. Depois que a colonização em escala maior por açorianos se mostrou impraticável, a administração colonial optou por convidar colonos de outras regiões da Europa. A exclusão dos ingleses, franceses e holandeses se entende por razões históricas óbvias. Estes estiveram presentes no Brasil desde o início do período colonial disputando com os portugueses a soberania de regiões inteiras da Colônia. Um motivo semelhante desaconselhava de todo o ingresso de espanhóis no território brasileiro na condição de povoadores. Na prática teria significado abdicar da luta pela posse de vastos territórios das fronteiras em disputa, sobretudo na região do Prata. As preferências voltaram-se então para imigrantes procedentes da Europa Central e do Norte. As razões da opção por alemães, italianos e outros, resumiram-se basicamente na tradição camponesa milenar em pequenas propriedades desses povos e o fato de nunca se terem intrometido na soberania da Colônia. Com certeza influiu também a experiência positiva de outros países de imigração, como por exemplo, os Estados Unidos, onde os imigrantes alemães, italianos, contavam entre os colonizadores mais disciplinados, mais empreendedores e mais bem sucedidos. O casamento do príncipe D. Pedro com a princesa austríaca D. Leopoldina, acrescentou mais um motivo para a preferência pelos alemães.

Os primeiros assentamentos de colonos aconteceram, ainda antes da independência, na Bahia, com as colônias Leopoldina e Frankental, e no Rio de Janeiro, na região de Petrópolis.

Entretanto a colonização alemã que iria marcar definitivamente regiões inteiras do País, concentrou-se nos três estados do sul: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. A ocupação por europeus dos grandes espaços vazios, cobertos de florestas, fazia parte do projeto do Império que, no seu bojo visava vários objetivos. Entre eles merecem destaque: a colonização sistemática e intensiva das terras devolutas, a implantação de um modelo de pequena propriedade familiar, a formação de uma classe média rural, o incremento da produção diversificada de alimentos, o branqueamento da raça, o fornecimento de suprimentos para as tropas envolvidas nas guerras de fronteira e a própria consolidação das fronteiras.

Foi com essas expectativas, alimentadas pelo governo imperial, que ocorreu a implantação do primeiro núcleo de colonização

em 1824, na fazenda do Linho Cânhamo, em São Leopoldo, Rio Grande do Sul. A Colônia Alemã de São Leopoldo, como passaria a ser conhecida na história da imigração no Brasil, foi realmente o ponto de partida e o paradigma que orientou as colonizações até 1880 em vastas áreas os três estados mencionados. Vencidas as dificuldades iniciais, as comunidades solidamente organizadas em torno de sua igreja, escola, cemitério, casa de comércio, artesanatos, clubes e associações, foram-se multiplicando com muita rapidez. Uma alta taxa de natalidade somada a uma baixa mortalidade infantil e, até o início da Primeira Guerra Mundial, o aporte de novos imigrantes, alimentaram essa dinâmica.

Num esboço muito sucinto, essa história de 178 anos da imigração alemã no sul do Brasil, pode ser resumida mais ou menos assim: O primeiro núcleo definitivo foi instalado na Real Fitoria do Linho Cânhamo, em São Leopoldo, em 1824. A ele seguiram-se, mais tarde, em 1827, dois outros no Rio Grande do Sul, independentes do primeiro: São Pedro de Alcântara e Três Forquilhas, ambas nas imediações de Torres. Vinte e poucos anos mais tarde, a partir de década de 1850, formam-se instalando os primeiros núcleos de colonização alemã em Santa Catarina, tendo Blumenau como matriz. A Blumenau seguiram-se: Joinville, Brusque, Pomerode, Rio do Sul, São Bento, Mafra, Forquilha e muitos outros.

Cada um desses pólos de irradiação, o de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, e o de Blumenau e Joinville, em Santa Catarina, seguiu dinâmicas semelhantes, mas independentes um do outro. Acompanhemos primeiro o mais antigo, o da Colônia Alemã de São Leopoldo. Apenas a título de observação, vale lembrar que as colônias de São Pedro de Alcântara e Três Forquilhas ficaram, durante um século, praticamente confinadas no isolamento do litoral norte do Rio Grande do Sul.

Voltemos à Colônia de São Leopoldo. Vencidas as dificuldades iniciais, os imigrantes e seus descendentes não demoraram em implantar suas comunidades em áreas próximas. O processo de expansão colonial começara. Como já foi dito, dois foram os fatores principais que impulsionaram o processo: o crescimento vegetativo da população e o afluxo de novos imigrantes. Já a partir da década de 1850, a primeira geração nascida no Brasil chegara à idade de procurar o seu próprio lote de terra. Ora, é por todos conhecido que as famílias eram numerosas ao mesmo tempo em que a mortalidade infantil situava-se em patamares relativamente baixos para a época. De outra parte, os lotes coloniais com suas dimensões reduzidas não recomendavam mais do que uma ou no máximo duas divisões. Levantamentos realizados na época mos-

tram que cada 1.000 famílias geravam, na média por ano, nada menos do que 200 excedentes, candidatos naturais a novos lotes. Tendo-se em vista que o crescimento vegetativo de uma população avança em progressão geométrica, fica fácil imaginar a movimentação no meio colonial.

Já o final da primeira década após o início da imigração alemã marcou o começo da ocupação das terras fora dos limites da área inicial destinada para a colonização. Na obra *Cem Anos de Germanidade no Rio Grande do Sul - (1824-1924)*, o Pe. Theodoro Amstad descreveu assim a situação:

No começo da Guerra dos Farrapos, como já foi dito, está ocupada somente a parte anterior e plana da colônia governamental de São Leopoldo e a primeira parcela das três picadas: Dois Irmãos, Picada Berghan e Picada dos Portugueses. Poucos povoadores, como por exemplo, B. Mombach, arriscaram-se a cruzar pelo topo dos primeiros morros. Já em 1832, na Picada dos Portugueses, foi preciso desistir dos postos avançados do Fritzenberg e Rosental e concentrar-se mais na parte baixa, por causa do ataque dos bugres. Somente na década de quarenta, ao terminar a Guerra dos Farrapos, arriscou-se a ocupação das áreas mais afastadas das Picadas.¹¹

A retirada dos subsídios para a imigração em 1831 estagnou quase por completo a corrente imigratória. A Guerra dos Farrapos, 1835-1845, terminou por desestimular definitivamente a vinda de imigrantes. O término desta guerra marcou a retomada da imigração e o início sistemático da ocupação das áreas periféricas do núcleo original da imigração. Nos dez anos que se seguiram entre 1845 e 1855, o avanço da colonização teve como alvos preferenciais o vale do rio Feitoria, afluente do rio dos Sinos, tendo a Picada de Dois Irmãos como ponto de irradiação e o Rio Cadeia, afluente da margem esquerda do rio Caí, onde a Picada dos Portugueses serviu de referência mais importante. Foram sendo sucessivamente povoados o Bugarberg, o Jammertal e a Walachei. Em seguida o avanço tomou o rumo do Erval. Avé Lallemand, em viagem pela região, descreveu assim o começo da formação dessas picadas:

A visão da Walachei e do Jammertal é grandiosa. Não será fácil encontrar seqüências de mato tão selvagem como aquelas. É difícil localizar as áreas cultivadas no fundo escuro das gargantas. É preciso coragem para embrenhar-se no vale, antigo refúgio de índios, onças e tapires.¹²

¹¹ *Cem Anos de Germanidade no Rio Grande do Sul - 1824-1924* (tradução de Arthur Blasio Rambo), São Leopoldo: Editora da UNISINOS, 1999, p. 103.

¹² *Ibid.*, p. 104.

Uma dinâmica semelhante impulsionou o povoamento das porções posteriores das Picadas dos Berghen e da Picada dos Portugueses. Neste processo destacaram-se Bohnental, Linha Nova, Schneiderstal, Holand e Picada Café, com suas diversas ramificações.

A obra já citada *Cem Anos de Germanidade* resumiu assim os 25 primeiros anos da expansão colonial:

É lícito afirmar então que em meados dos anos cinquenta as terras postas à disposição para a colonização pelo governo imperial nas três picadas antigas, estavam, em linhas gerais, povoadas. A Picada Feliz, que veio somar-se em 1845, contava na época com 90 a 100 famílias, podendo ser considerada ocupada, tomando em consideração as condições populacionais da época. Nada mais natural então que muitos pais de família numerosa e muitos jovens empreendedores da colônia, procurassem terras favoráveis em outra parte.¹²

As áreas colonizadas até aqui tinham sido de propriedade do Governo Imperial. Em torno delas localizavam-se extensões de maior ou menor tamanho em mãos de particulares, tanto no curso médio e superior do rio dos Sinos e seus afluentes, como do Caí e Taquari em toda a sua extensão. Foi sobre essas matas que a lógica do avanço orientou o fluxo colonizador. As terras em ambas as margens do Santa Maria (Paranhana), pertenciam a Tristão Monteiro. Batizou-as com o sugestivo nome de Mundo Novo, quando começou a colonizá-las com imigrantes alemães. O povoamento do Mundo Novo iniciou efetivamente em 1847 e prolongou-se até o final da década de 1870, quando contava com 284 famílias, das quais apenas 10 não eram de origem alemã. Vizinha ao Mundo Novo, ficava a Fazenda Padre Eterno, vendida em lotes aos colonos pelo proprietário o Barão do Jacuí. Idêntico caminho tomou na mesma época a família Leão, proprietária do Leonerhof (Sapiranga e arredores). O prolongamento da colônia da Feitoria, o Morro Pelado na margem do rio dos Sinos, foi colonizado por seus donos Chico Santos e Fialho.

Simultaneamente às colonizações ao leste do núcleo inicial de São Leopoldo no vale do rio dos Sinos, intensificou-se o avanço para o oeste e o norte, para dentro do vale do rio Caí. Todas essas terras de alta fertilidade, encontravam-se em mãos de particulares e estendiam-se ao longo das margens do Caí e de seus quatro principais afluentes: o Forromeco, o Salvador e o Maratá, na margem direita, e o Cadeia, na esquerda. Os donos dessas terras as

¹² Ibid., p. 108.

lotearam e venderam aos colonos procedentes, na sua maioria das áreas antigas da colonização no vale do Sinos e, em menor número, diretamente imigrados da Alemanha.

Na mesma época em que o vale do rio Caí foi colonizado, iniciou-se o povoamento do vale do Taquari. Na grande maioria também esses colonos procederam das colônias mais antigas do Sinos. O avanço se deu num ritmo impressionante. Todo o vale do Caí e todo o vale do Taquari foram, por assim dizer, tomados de assalto e conquistados ao mesmo tempo. Como aconteceu no Caí, também no Taquari pertenciam a proprietários particulares. Os dois mais conhecidos no Taquari foram Vito Mena Barreto, na margem esquerda, e Antônio Fialho, na margem direita. Não demorou, e as terras férteis do rio Forqueta foram incorporadas à frente de colonização. O mesmo se repetiria mais para o interior, na margem esquerda do Taquari, com a colonização de Teutônia. Na margem direita o avanço tomou a direção de Santa Clara, Sampaio, Venâncio Aires, Santa Emília e arredores. As terras do Governo de Monte Alverne foram colonizadas na mesma época e serviram de ligação para a colônia de Santa Cruz e Rio Pardo.

O avanço da colonização, a começar por Taquara do Mundo Novo até Santa Cruz, incorporara as terras mais planas dos cursos médios dos rios. Os vales mais afastados e as encostas da Serra, em mãos de proprietários menores, entraram no mesmo processo a partir de 1875. Em questão de 20 anos, todas as terras de alguma forma aproveitáveis haviam sido ocupadas. Apesar das dificuldades da topografia e da distância dos centros maiores, contribuíram com uma parcela significativa dos produtos básicos da época: feijão, milho, banha e na região de Santa Cruz e Venâncio Aires, tabaco. Neste avanço incluíram-se também as colonizações mais ao sul como Rinco del Rei e as localizadas entre Candelária e Santa Maria.

A expansão para o norte e o oeste

No decorrer da década de 1880, haviam-se esgotado as últimas reservas de terras disponíveis nas bacias dos rios dos Sinos, Caí, Taquari, Pardo e Jacuí. Nas colônias aí existentes, porém, a pressão por mais e mais terras virgens aumentava a cada dia. Na época, a única forma capaz de aliviar essa tensão, encontrava-se na abertura de novas fronteiras de colonização. Desta vez a lógica apontava para o norte e para o oeste em direção às imensas áreas cobertas de mata virgem, encobrindo solos e topografia altamente favoráveis. Foi nesta direção que se orientou então o fluxo migratório a partir da década de 1890.

Em 1890 abriram-se as primeiras clareiras na mata onde hoje floresce Ijuí, a metrópole da Serra. O Pe. Amstad comparou Ijuí a São Leopoldo. Assim como São Leopoldo foi centro de irradiação das chamadas colônias antigas, ou colônias "velhas", assim Ijuí desempenhava o papel de centro de irradiação das colônias "novas", no norte e no noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. A partir daí, a região se transformou num grande laboratório de experiências de colonização. Entre os anos de 1890 e 1930, foram implantados no mínimo quatro modelos. Ijuí foi uma iniciativa do governo federal, Santa Rosa do governo estadual e Santo Ângelo um projeto municipal. Todas as demais colonizações foram empreendimentos particulares, ou de empresas, ou de pessoas físicas, ou de associações. Na sua monumental obra comemorativa do centenário da imigração, o Pe. Amstad resumiu assim a colonização de toda essa região:

Com essas colonizações abriu-se o espaço para os excedentes populacionais das colônias antigas. E no fim da revolução em 1895, começou um novo e alegre movimento migratório. As mudanças aconteciam via trem, a cavalo, de carro e até em carroças de boi. Não raro podia-se assistir ao espetáculo inusitado como pessoas que até aquele momento mal haviam ultrapassado os marcos de fronteira de seu município, carregavam com toda a naturalidade seus pertences numa carroça, passando três a quatro semanas peregrinando, até alcançarem o extremo noroeste do nosso Estado, em Cerro Azul, Pirapó ou Serro Pelado, para aí construírem sua nova querência.

Tempos difíceis esperavam para breve pelas aves de arribação. Gafanhotos, seca e por fim os ratos migratórios tornaram a vida amarga. Mas o tempo de penúria passou e quando os pioneiros e os mais pobres tinham aberto a brecha, seguiu um reforço financeiramente mais bem dotado, gente com dinheiro. Adquiriram muitas vezes, complexos de terras maiores também na colônia de Guarani pertencente ao governo. Em questão de 10 a 15 anos, o Ijuí, de Cerro Azul até a sua desembocadura no rio Uruguai, numa extensão de 70 a 80 quilômetros, fora ocupado. Acabara-se de fundar a São Leopoldo do século vinte.

Fato semelhante se verifica com as colônias de Passo Fundo e Cruz Alta. A diferença é que nelas reside uma população étnica e confessionalmente mais mesclada. Mesmo assim, encontram-se nesta região distritos coloniais de exclusiva descendência alemã, como é o caso da Colônia Selbach, Barra do Colorado, Neu Württemberg, General Osório e outras. Desta forma, também aí os excedentes das colônias antigas encontraram assentamentos novos fechados. Quem hoje visitar as colônias de Passo Fundo, Palmeira, Cruz Alta, Santo Ângelo e São Luiz, pode estar certo de encontrar ali assentados co-

nhecidos procedentes das colônias antigas. Já se desenvolveu um ativo intercâmbio entre o norte e o sul e entre o leste e o oeste e não se constitui numa raridade que famílias inteiras das colônias novas, locomovendo-se em carroças, vão fazer visitas nas colônias velhas. E exatamente nessas visitas acontece que, muitas vezes, os hóspedes das colônias velhas adquirem terras para si e seus filhos, quando as circunstâncias das novas colônias agradam. Em muitas dessas visitas segue então, num prazo mais curto ou mais longo, a correspondente transferência para os novos assentamentos, os quais tomam rapidamente um acelerado ritmo de progresso, impulsionado pelos colonos acostumados ao trabalho.

Um pouco mais adiante, o Pe. Amstad chega a falar de uma verdadeira febre migratória que teria acometido os colonos de todas as regiões do Rio Grande do Sul, entre os anos de 1910 e 1920:

Havia duas razões que explicam o surgimento do fenômeno nada desejável da febre de emigração: o sistema de colonização do governo estadual do Rio Grande do Sul e a especulação dos compradores e vendedores de terras.

Já que a maioria das colônias particulares e das pertencentes a companhias colonizadoras, havia sido ocupada, restavam aos colonos à procura de terra para assentamentos, as colônias do governo. O sistema de colonização dos atuais governantes positivistas, consiste em abrir colônias mistas, nas quais são assentadas misturadas pessoas das mais diversas nacionalidades. Esse sistema não agrada nem aos colonos de descendência alemã, nem aos de descendência italiana, nem aos de descendência polonesa. Isto fez com que, durante os últimos dez anos, os melhores elementos, possuidores de mais capital, fossem fixar-se fora do nosso Estado em colônias confessionais e etnicamente separadas, em Santa Catarina, Paraná e Argentina.¹⁴

A expansão para fora do Rio Grande do Sul

Depois da primeira grande guerra, a febre migratória empurrou os descendentes tanto das colônias alemãs como das italianas, até a barranca do rio Uruguai em toda a extensão norte e noroeste do Estado. As matas virgens praticamente intactas da margem direita do rio, tanto no vizinho estado de Santa Catarina como na Argentina, com seu fascínio, estimularam ainda mais o ímpeto da nova geração à procura de terra.

¹⁴ *Ibid.*, p. 128-131.

Três foram as áreas que canalizaram as atenções dos novos pioneiros: o vale do rio do Peixe, na região central de Santa Catarina, o extremo oeste do mesmo estado e a Província de Misiones, na Argentina. Colonos procedentes das mais diversas localidades das antigas colônias no Rio Grande do Sul, povoaram toda a área que atualmente tem como centro a cidade de Joaçaba. Outros ultrapassaram essa região para irem fundar Porto União e União da Vitória, em ambas as margens do rio Iguaçu, no extremo norte de Santa Catarina e no sul do Paraná. No extremo oeste a colonização irradiou-se de dois núcleos iniciais mais importantes: Porto Feliz, hoje Mondaiá, e Porto Novo, a Itapiranga de hoje. A partir deles, em questão de 30 anos, todo o oeste de Santa Catarina foi incorporado ao fluxo da colonização.

A colonização de grande parte da Província argentina de Misiones: Posadas, Puerto Rico, Monte Carlo, Eldorado, etc., foi analisada quando examinamos a colonização alemã na Argentina.

Já no final da década de 1950, a ordem "vamos para as colônias novas", que impulsionara a colonização do norte do Rio Grande do Sul e o centro e o oeste de Santa Catarina, foi substituída por outra palavra de ordem: "vamos ao Paraná". Milhares de colonos procedentes de todas as regiões do Rio Grande do Sul, somados à primeira geração de excedentes de Santa Catarina, avançaram sobre as novas fronteiras de colonização no oeste do Paraná. O ritmo foi ainda mais acelerado e mais intenso do que nas etapas anteriores. Em praticamente uma geração as áreas disponíveis na região estavam colonizadas.

No decorrer das décadas de 1980 e 1990, o fluxo migratório avançou pelo Mato Grosso do Sul e pelo Mato Grosso, Rondônia e Acre, para, enfim, alcançar a fronteira norte do País. Na mesma época, aconteceu a participação de agricultores vindos do sul, muitos deles descendentes de imigrantes alemães, em projetos de colonização e empreendimentos agrícolas diversos na Bahia, no Maranhão, no Pará e até no Amapá, de modo mais intenso, porém, nos cerrados de Goiás.

Conclusão

O estudo comparativo entre as colonizações alemãs no Brasil, Argentina e Chile, que acabamos de apresentar, mostram, no atacado, muitas semelhanças. Nos três países existiam no início do século XIX imensas áreas econômica, social e politicamente à margem dos Estados. No Chile estendiam-se, em grandes linhas, da

cidade de Temuco para o sul, até Puerto Montt, Puerto Varas e a ilha de Chiloe. O filé dessas terras situava-se nas proximidades do lago de Languihue. Na verdade elas constituíam o território dos índios Mapuches e costumavam ser tratadas como "frontera". O termo sugere uma situação de indefinição de posse até uma definição de soberania do Estado Chileno, recém independente, sobre a região. Impunha-se, portanto, a necessidade e além da necessidade a urgência de garantir a soberania o que implicava na consolidação da "frontera" no sul.

A soberania colocava-se como pressuposto para o aproveitamento do seu potencial econômico. Tratava-se de extensas áreas de planas de terras próprias para a agricultura cobertas de densas florestas virgens. Elas abrigavam solos férteis e reservas incalculáveis de madeira, sob um clima relativamente ameno. Tornar produtivas essas terras mediante o povoamento sistemático por colonos alemães, pareceu a solução mais prática para as autoridades chilenas. A imigração alemã a partir do final de 1840, contribuiu decisivamente para a integração da região no todo nacional e transformá-la numa rica fonte de produtos agro-pecuários. A inhóspita paisagem mudou rapidamente de feição. No lugar das florestas selvagens na orla do lago de Languihue e das costas do oceano Pacífico, a laboriosidade e a maneira de ser dos imigrantes, plasmou uma paisagem humanizada inédita no País. Em volta dos centros maiores de polarização como Puerto Montt, Puerto Varas, Puerto Arenas, Frutillar, Valdivia, Osorno, Concepción, etc. multiplicaram-se centenas de comunidades. Os colonos proprietários de pequenas glebas familiares, dedicavam-se em tempo integral à tarefa de tornar produtiva a terra e fazer florescer uma imensa vida religiosa e cultural, polarizada pelas igrejas, as escolas, as associações, as sociedades, os clubes.

Em várias regiões da Argentina verificava-se, na mesma época, uma situação muito parecida com a do Chile, porém, mais complexa e mais heterogênea. Em vez de uma região passível de colonização compacta, a Argentina oferecia três: os vales dos rios Negro e Colorado, o Chaco e a bacia média e superior do rio Paraná, nas províncias de Entre Rios e Misiones. Também para essa tarefa foram convidados colonos alemães. Pode-se concluir que o objetivo principal da colonização dessa s regiões, foi o mesmo daquele do Chile, isto é, consolidar a soberania sobre elas e incorporá-las no esquema produtivo do País, mediante uma colonização sistemática. No caso argentino a questão indígena assumiu proporções muito mais importantes do que no Chile. A região do rio Negro e Colorado e a do Chaco abrigavam numerosas popula-

ções nativas que foram subjugadas e em grande parte exterminadas. No rio Negro e Colorado havia ainda o risco da apropriação das terras por chilenos, entre os quais um número expressivo de alemães, vindos do outro lado dos Andes.

As colônias alemãs mais numerosas e mais importantes foram implantadas no curso médio e superior do Paraná, em Entre Rios e Misiones, durante toda a segunda metade do século XIX e nas três primeiras décadas do século XX. Na sua essência, não diferem muito estrutural e institucionalmente daquelas do sul do Chile e do Chaco.

A mais extensa e a mais antiga das colonizações alemãs na América Latina aconteceu no Brasil, a partir de 1824. O núcleo irradiador inicial foi implantado na fazenda real do Linho Cânhamo em São Leopoldo no Rio Grande do Sul. A partir dele a expansão da colonização tomou o rumo oeste até Santa Maria no centro do Estado, numa extensão de mais ou menos 70 por 400 quilômetros. No final do século XIX, tomou o rumo norte e noroeste e na primeira metade do século XX avançou pelo oeste de Santa Catarina e o Paraná. Um segundo pólo irradiador iniciou-se na década de 1850, no leste de Santa Catarina, e um terceiro, menos importante, no Espírito Santo, bem mais confinado do que os dois anteriores. Aproximadamente a terça parte da paisagem humana do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, e boa parte do oeste do Paraná, exhibe, ainda hoje, os traços inconfundíveis da presença e das tradições alemãs.

Como conclusão geral, é lícito afirmar que as colonizações alemãs no Chile, na Argentina e no Brasil, cumpriram basicamente a mesma função: povoar grandes regiões vazias com imigrantes capazes de fazê-las produtivas, incorporá-las no todo nacional, estimular um modelo agrícola alternativo ao existente e tornar os respectivos países socialmente mais equilibrados com uma classe média sólida e bem constituída. É óbvio que em cada caso particular é possível detectar nuances mais ou menos importantes, fruto das peculiaridades físico-geográficas, étnicas e culturais, com que os imigrantes alemães se defrontaram.